

Realizemos o Congresso Operário de Lisboa

A ideia da realização de um congresso operário em Lisboa foi bem aceite por todos os elementos que desejam o revigorimento da organização operária. Essa ideia tomou raízes, e bem andará a Câmara Sindical do Trabalho em discutir o assunto com brevidade a-fim-de passarmos ao campo das realizações.

Sobre a necessidade da realização do Congresso não há divergências. Estas existem em questões de detalhe que, de certo se arrumarão desde que haja, como há, uma grande vontade de produzir obra útil.

A Batalha, nesta hora difícil da Organização Operária, segue com particular atenção todas estas iniciativas e regozija-se em constatar que os militantes, pouco a pouco, vão readquirindo o antigo entusiasmo para o trabalho útil em benefício do proletariado.

A ideia do Congresso de Lisboa deve ser bem ponderada, embora nessa ponderação não se gaste muito tempo. E para que essa reunião magna dos sindicatos da capital reúna grandiosa e profícua, urge iniciar quanto antes a sua propaganda.

Alvitrou a comissão instaladora da Câmara Sindical a efectivação do Congresso no próximo mês de Outubro. É uma época explêndida. Mas o prazo para os seus preparativos será demasiado curto se aqueles a quem competir organizá-lo não andarem depressa e sem atrapalhações.

Há muito trabalho a realizar. É preciso escolher, com acertado critério, os assuntos das teses que hão-de versar sobre as questões que neste momento mais prenderam as atenções do proletariado de Lisboa.

Além da preparação das teses, que devem nortear-se pelos superiores interesses do povo trabalhador, há um enorme trabalho de propaganda a fazer para que ao Congresso acorra o maior número possível de sindicatos e para que os delegados destes, depois de bem paiparem o público entrava e saía, pouco se demorando nas transacções. Hoje não. Os gêneros faltam e aqueles que aparecem custam mais 30 ou 40 por cento do que custavam. De forma que o público demora-se muito tempo regateando com as vendedeiras, procurando levar por 10 aquilo que foi avaliado por 20.

A Batalha, como sempre, disposta a amparar e a dar vida a estas iniciativas úteis exorta todos os componentes do Conselho de Delegados da C. S. do Trabalho a concertarem-se harmónicamente no sentido de produzir obra benéfica.

Animas-nos a sincera esperança de que o Congresso de Lisboa deverá transformar-se num exemplo admirável para as organizações do resto do país.

E' preciso caminhar para a frente. Caminhamos.

Notas & Comentários

Trabalhar muito

Um anônimo cronista internacional do Diário de Notícias, na sua crônica de outono, depois de dizer muitas asneiras sobre o conflito mineiro na Inglaterra, avessando que o sindicalismo revolucionário estava na decadência, elogia o patronato inglês e rematava: «E retêm-nos, como sentença formidável de equilíbrio e sagacidade, o que o patronato inglês proclama: ganhar menos e trabalhar mais». Aplicarão o articolista esta teoria a si mesmo? O patronato inglês deseja aplicar essa doutrina ao operariado, mas a é mesmo aplicá-la a inversa: trabalhar pouco, ou nada, e ganhar muito.

O bairro de Alfama

Faz-se muito em arrazar o bairro de Alfama, para em seu lugar construir uma ampla avenida que ligue Santa Clara ao Terreiro do Trigo. Não é por apêgo à tradição que discordamos dessa medida. Entendemos que o passado nunca deve ser um empecilho no presente, nem um entrave à marcha para o futuro. Discordamos porque vivemos em Portugal e sabemos que neste país antes de se arranjarem os alojamentos necessários para conter os habitantes de Alfama, seria muito possível que arrasasse esta deixando mulheres, crianças, famílias inteiras ao relento.

A guerra na China

Um protesto dos ingleses

LONDRES, 11—O «Times» informa de Pekin que a Legação britânica naquela cidade tentou remeter ao governo chinês uma nota de protesto contra a ação do general Yang Sen no caso de Wanhsien. Ou Pei Fou, por outro lado, protesta energeticamente contra a atitude dos ingleses. (II)

A situação é grave

LONDRES, 11—O «Daily News» diz que importantes reforços navais se dirigem para Hankeou, onde a situação é bastante séria. O «Daily Telegraph» diz de Pekin que não foi ainda concertada qualquer ação britânica, e que não o será antes da chegada a Hankeou, que deve ter lugar hoje, do couraçado «Hawkins», a bordo do qual se encontra o príncipe Georges. (II)

A CARESTIA DA VIDA

O MERCADO DA PRAÇA DA FIGUEIRA VISTO A HORA MATUTINA POR UM NOSSO REDATOR

Alguns episódios picarescos — Gêneros que aumentaram cem por cento no preço — Uma entrevista com uma dona de casa — As exigências das vendedeiras e a paciência do público — A hora do "levante" no mercado

A carestia da vida é o maior pesadelo das donas de casas pobres. Os honorários dos chefes de família que vivem dum trabalho probro por muito elevados que sejam não chegam para as mais urgentes necessidades.

Pode mesmo afirmar-se que o principal motivo das muitas desavenças no lar reside na falta de recursos para o manter. Nunca, como agora teve cabimento o velho axioma: «em casa onde não há não pôde tanto».

Mal que nos erguemos do leito logo as nossas companheiras nos buzinam.

O azeite já custa mais dez tostões em litro.

E ao descermos a escada a vizinha Antónia, que conhece como poucas as oscilações dos preços dos gêneros, muito irritada grita para o marido:

— Não pode ser! O que tu me dás não chega para o merceiro...

— É verdade, é verdade — confirma a sua amiga que da janela para a rua vai dizendo que as batatas subiram de preço, que as cebolas estão pela hora da morte e que o açúcar não adoca e está por um preço elevadíssimo.

Estes pequenos nadas reflectem o estado de espírito da população que mais do que nunca tem na sua frente a sombria perspectiva da fome.

Em qualquer das arterias de Lisboa deparam-se-nos estes episódios de desespero do povo. Mas onde eles têm maior colorido é nos mercados de gêneros, especialmente na Praça da Figueira.

Pois para de perto assistirmos a essas exteriorizações de revolta, fomos ontem ao mercado da Praça da Figueira, onde todas as manhãs se acotovelam as donas de casas de capital.

O bulício do mercado e os protestos dos mercadores

O movimento do mercado, a-pesar-do aumento que os preços sofreram, é maior do que foi nos últimos tempos. E explica-se. Quando os preços eram mais acessíveis o público entra e saía, pouco se demorando nas transacções. Hoje não. Os gêneros faltam e aqueles que aparecem custam mais 30 ou 40 por cento do que custavam. De forma que o público demora-se muito tempo regateando com as vendedeiras, procurando levar por 10 aquilo que foi avaliado por 20.

Então ainda ontem você me vendeu as batatas por oito tostões e já hoje pede nove tostões!...

— E é para quem quiere — responde a baronesa das hortaliças.

— Vocês agora são rainhas por isso têm o rei na barriga...

— Orr a lambisgo. Taumente queria que lhe dessemos as batatas!

E logo noutro logar os mesmos protestos, a mesma indignação, a mesma luta pela posse do gênero mais barato:

— Uma cabeça de nabo que se fecha numa mão por cinco tostões!... Vão roubar a uma estrada suas comilonas.

— Olha a pindérica. Julga que rouba só e só leva quem nos pagar com língua de palmo...

Nos lugares do peixe o movimento não sofre mudança, nem o vocabulário das marquesas do carapau diminui de expressão!

— E' para quem quiere. E não julgue que levamos para casa o peixe.

Junto ao lugaz de *A Batalha* duas mulhereis do povo discutiam com calor e vivacidade. De uma delas saiam exclamações de protesto contra a situação e em cada frase ficava explicada a ascenção do preço dos gêneros.

Acerca-mos. E a uma simples colherada saiu logo a frase inicial da entrevista:

— Ainda os senhores estão bem. Só têm que o ganhar. Agora nós que vimos para aqui todos os dias...

Uma conversa com uma dona de casa

Concordámos. Mesmo nestas emergências nunca podes haver contrarieades. O aplauso é tudo. Assim foi neste caso. E devido a isso a nossa interpelação vai prosseguindo:

— Todos os dias, para levar o indispensável, perco aqui mais de três horas. E a-pesar-de regatear com estas desavergonhadas ainda tenho que pagar alguns gêneros mais caros 50, 60 e 100 por cento.

— Podem explicar-nos o preço dos principais?

— Ainda não tínhamos sacado do lápis e já a nossa boa entrevista, num total de 1000 palavras, ia desfendo o seu rosário.

Solicitámos a nossa coloquutora um parêntesis. Ele obtido pudemos então conhecer o encarecimento dos gêneros:

— Olhe, as batatas custavam 70 o quilo e hoje já as paguei a 95\$...

— E as cebolas a 1500, quando custavam 80 o quilo.

— O azeite a 1050 o litro. Mais 3500 do que há duas semanas.

— E logo a seguir:

— Por um quilo de açúcar paguei 3500.

Ainda a semana passada custava 25\$.

— Aproveitámos uma pequena pausa da nossa entrevista para lhe perguntar:

— Mas foram só estes gêneros que encareceram?

— Isso era bom. Há mais. Ainda não lhe disse que o toucinho custa o dobro, isto é: a 10500. O chourico a 19500, quando o seu preço era 15500.

— E prosseguindo:

— Ainda não lhe falei nas hortaliças: cada lombarda vende-se a 2550, mais \$50; cada cabeça de nabo \$50, mais pequenas que o seu nome, escolheu *Tuy*, que considera inac-

cetável.

— E as carnes a que preço se vendem?

— Olhe, a vaca a 6500, mais dez tostões; o carneiro com o armento de 2500 custa sete mil reis; cada quilo de carne de porco pagamo-lo a 12500 e pagavamo-lo a 10500.

— Com o peixe sucede o mesmo, prossegue a nossa entrevistada.

— Não se esqueça de que o sabão com que lavamos a roupa dos nossos filhos custa a 4500 e custava a 3500.

— Um recurso dos qua procuram fugir às agruras da vida

São 14 horas. A sineta do mercado tanha anuncianto o levante. A nossa entrevistada tinha-nos dito que essa hora, quando a «praca levantasse», se compravam as cais das batatas.

— Realmente assim foi. Lá vimos. Cabazinho na mão repleto de gêneros, arrancados à força de muita discussão.

Os preços são mais em conta. Mas os gêneros é que nessa altura têm passado por muitas mãos perdendo o melhor: a frescura.

— Mesmo assim a Praça à hora do levante é muito movimentada por desgraçadas que ali vão abastecer-se do refúgio para não morrerem de fome.

Apesar da potro que vendem, e as rainhas dos mercados não deixam mesmo agora de insultar quem procura defender-se da fome.

— Estas sardineiras vêm para aqui a gosma. Mas enganam-se. Migalhas também é pão...

As resoluções tomadas pela classe dos arsenalistas de marinha

O clube dos arsenalistas de marinha, em sua assembleia geral, aprovou a campanha que se está desenvolvendo contra a ganância do comércio. Aprovou uma moção que achamos interessante reproduzir inteiramente:

«A Classe Arsenalista de Marinha, refundida em assembleia geral, extraordinária, verificou a forma irritante, como o comércio está conduzindo neste momento de crise angustiosa que ameaça agravar-se.

— A actual comissão administrativa viu o caso e pensou que a primeira medida a pôr em prática era lançar um imposto de 3% sobre o peixe que se forá do concelho. Caiu Troia!

— Os vendedores negaram-se a aceitar o imposto e a vender peixe. Comissão não esteve com demasia: mandou comprar de sua conta todo o peixe e em Lisboa um camion carregado do mesmo, abrindo venda ao público.

Assim, pescadas de 40 escudos, estão sendo vendidas a 10 e quem diz pescadas diz o restante peixe.

— A frente da venda encontra-se o comandante da Guarda Fiscal, tenente Arez Valente e o regedor Francisco Luis Constantino.

— O povo está satisfeitos com esta solução que, embora tomada por militares em ditadura, lhe merece o seu maior aplauso.

No caso dos gananciosos continuarem na sua atitude de explorarem o público, outras providências mais energicas serão tomadas, sendo provável que, entre elas, não seja consentida a venda do peixe senão por intermédio da Câmara. — C.

— Considerando que ao governo da República compete reprimir os desmandos de todos aqueles que exploram com a situação miserável que atravessa o Povo Trabalhador;

— Uma cabeça de nabo que se fecha numa mão por cinco tostões!... Vão roubar a uma estrada suas comilonas.

— Olha a pindérica. Julga que rouba só e só leva quem nos pagar com língua de palmo...

Nos lugares do peixe o movimento não sofre mudança, nem o vocabulário das marquesas do carapau diminui de expressão!

— E' para quem quiere. E não julgue que levamos para casa o peixe.

Junto ao lugaz de *A Batalha* duas mulhereis do povo discutiam com calor e vivacidade. De uma delas saiam exclamações de protesto contra a situação e em cada frase ficava explicada a ascenção do preço dos gêneros.

Acerca-mos. E a uma simples colherada saiu logo a frase inicial da entrevista:

— Ainda os senhores estão bem. Só têm que o ganhar. Agora nós que vimos para aqui todos os dias...

Uma conversa com uma dona de casa

Concordámos. Mesmo nestas emergências nunca podes haver contrarieades. O aplauso é tudo. Assim foi neste caso. E devido a isso a nossa interpelação vai prosseguindo:

— Todos os dias, para levar o indispensável, perco aqui mais de três horas. E a-pesar-de regatear com estas desavergonhadas ainda tenho que pagar alguns gêneros mais caros 50, 60 e 100 por cento.

— Podem explicar-nos o preço dos principais?

PELO ESTRANGEIRO
Mussolini escapa a um atentado

O autor do atentado é um rapaz de 18 anos

ROMA, 11.—Esta manhã o canteiro Ernesto Giovanni, de 18 anos de idade, lançou uma bomba contra o automóvel de Mussolini, na praça da Porta Pia.

O engenho foi quebrar o vidro do automóvel, explodindo em seguida violentamente no solo, ferindo quatro transeuntes, que deram entrada no hospital.

O automóvel seguia o seu caminho, levando o sr. Mussolini, que ficou ileso, para o palácio Chigi, onde se encontra instalado o ministério dos Negócios Estrangeiros.

Ermelito Giovanni, preso imediatamente, declarou ter chegado de manhã a Roma, sem passaporte, vindo do estrangeiro, tendo passado através das montanhas. (H.)

INSTRUÇÃO

O «Curso de Profissional de Escritório», mantido pela Associação de Classe dos Empregados de Escritório, vai entrar no segundo ano da sua fundação, reabrindo as aulas no próximo mês com as cadeiras de português, francês, inglês, escrituração, contabilidade e geografia.

Continuam abertas as matrículas, todas as noites, das 21 às 23 horas, na sede, rua da Madalena, 225, 1º.

Na Universidade Nacional de Instrução e Educação, brevemente abrindo as aulas de primárias, instrução primária e comércio, na sede da 2ª secção desta Universidade, instalada na Associação do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, na rua do Paraiso, 28, 1º, continuando abertas as matrículas todos os dias, das 20 às 23 horas, podendo ainda matricular-se naqueles cursos todos os empregados no comércio, operários e seus filhos. Oportunamente será anunciado o dia da abertura das aulas e respectivo horário.

Agressão

No Banco do Hospital de São José, foi pensado Angelo da Costa, de 26 anos, natural de Pedrogão Pequeno, cunhador, residente na calcada de São João da Praga, 28, 1º, que a madrugada passada foi agredido na Avenida Almirante Reis, ficando ferido no rosto. Depois de pensado deu entrada nos calabouços do Governo Civil.

Queda mortal

Na enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José faleceu ontem Francisco Eleuterio Miranda, de 46 anos, carpinteiro, natural e residente em Maia, que, como noticiámos, caiu ali, no dia 5 último, por uma escada. O cadáver foi removido para a casa mortuária do mesmo hospital.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete Cabo Verde são hoje expedidas malas postais para a província de São Tomé, sendo a última tiragem de correspondência da caixa geral às 11,30 e 13 horas, respectivamente, registada e ordinária.

TEATRO NACIONAL HOJE

COMPANHIA
Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A representação da comédia em 3 actos de Raul Geraldy e Robert Spitzer, tradução de Maria de Sotó Mayor e Carlos Abreu.

Se eu quisesse...

Nos primaciais papéis:

Germânia—Ilda Stichini. Marcela-Albertina de Oliveira. Luisa—Maria Emilia. Filipe—Alexandre Azevedo. Berthier—Raúl de Carvalho. Panon—Luis Pinto. René—Octávio Brandão.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO
Federación Nacional das Cooperativas—Nos termos do art. 20 § 1º do Estatuto, a pedido da Direcção, é convocada a assembleia geral extraordinária a reunir-se no próximo dia 26, pelas 14 horas, na sede da Cooperativa «A Fábril Naval» (Cais do Sodré), com a seguinte ordem do dia: Comunicação da Direcção relativa às negociações com o governo e complemento da reforma dos Estatutos.

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo..... \$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loiragno..... \$50

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Lúcio Silvano Batalha..... \$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... \$150

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar..... \$100
A Humanidade, por Tarot Javal..... \$150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... \$200
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchoter..... \$200

Os gatos, por Fidalgo de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série..... \$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva..... \$250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... \$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia..... \$350

Biologia perante a História, por Nobre Franga..... \$500

Contra as touradas de beneficência editou um vibrante manifesto a Liga de Defesa dos Animais

Temos aqui freqüentemente insurgido com as touradas que se organizam a pretexto da beneficência, quando na realidade o amor pelos pobres não passa dum hipócrita máscara afeiçada pelos amadores desbarcos espetáculos.

A Liga de Defesa dos Animais editou um manifesto combatendo essa especulação, no qual extraiu as seguintes passagens:

«E' mais que vulgar deparar-se-nos diariamente nos jornais reclames de «touradas de beneficência».

Nestes últimos anos, infelizmente, têm sido tomado um tal incremento assustador, que é ver hoje a tábua de salvação a que as casas de caridade se agarram quando estão falhas de recursos.

Que falta de senso está invadindo o nosso povo! Casas de beneficência a recorrerem a touradas, que mais não são que espetáculos de requintada barbaridade, para arranjarem meios com que se possam manter! Que caridade tão mal compreendida!

Que tristeza é ver fazer bem com o produto do mal anteriormente feito! Como se o bem e o mal se pudesssem alguma vez ligar! Estamos em dizer que esses fundos, dessa forma arranjados, longe de irem minorar o sofrimento humano, o vão agravar!

E' impossível que a obra de assistência consiga realizar a sua missão, reduzir o número dos necessitados se continuar a praticar touradas.

Casas de beneficência! casas de caridade! não querem dora avante absolutamente nenhuma de touradas que se façam em vosso benefício! Esse dinheiro deve escalar-vos as mãos e a quem se beneficiar com elas? Não promovam espetáculos desse jeito, que quase outros em que seja preciso ver sangue, fazer mal! Touradas, tiro aos pombos! sejam as primeiras a impedir que elas se realizem.

Patrocinal sim, mas espetáculos moralizadores, ou que divirtam sem fazer mal, sem prejudicar.

É para que servem aqueles? A lém de martirizar animais sem necessidade alguma, são escolas de degradação moral dos povos, escolas onde as crianças vão inconscientemente aprender a fazer mal, criando-lhes assim o desejo (ou aumentando-lhe) só já nascera com ele) de folgarem com o sacrifício de seres que sentem e sofrem como nós.

Bem bastam já esses espetáculos que as ruas de Lisboa diariamente nos apresentam de animais bárbaramente tratados nessa carroça que enxameiam a cidade, sem que ninguém intervenga em favor dos «miseráveis» para quem a vida é um constante sacrifício e flagelo, bem basta isto para promover os créditos de gente que querer ferros de civilização... quanto mais vir fazer «touros de morte!», espetáculos condenados, impróprios da época e do grau de civilização do mundo, nos quais se faz chegar a desumanidade ao auge!»

Teatro Salão Foz
Matinée às 3 h.—Soirée às 9,15 h.
Incomparável êxito de formosa coupleteira—bailarina

FABIOLA
Único domingo em que se apresenta a grandiosa atração

BERLIM
Inaudí casino apresentado por Mr. ROMER and Mrs. BRAYNER.

Concerto pelo magnífico orquestra de JOSE FOZ MELODY BAND

No ecrã—Peça última vez! O maravilhoso «film» em 8 partes

O FANTASMA DO MOULIN ROUGE

PREÇOS ULTRA POPULARES

Superior, 2.000; Plateia ou Balcão, 600;

Camarotes, 100 e 150;

Convites, 10 e 150.

O Pala de Bronze, à caça dos ladrões, agradiu um rapaz para se distrair...

Pala de Bronze é um polícia à americana, todo feito no cinema da rapaziada bravia.

E' um polícia que, por seus feitos, merece uma estatueta em Roma, outra na Alexandria, outra em Berlim e, ainda, outra no Pote de Água.

Pala de Bronze, à laia de Geraldo Sem Pavor, animado de suas tradições de Alfaia, decide-se a conquistar de um jacto todo o Loreto. Desceu o Bafiro Alto, que não ficou muito longe, e foi a falar com os ladrões pelo caminho.

Aborreceu-se porque tudo estava tomado pelos antigos. Vislumbrou um rapazinho protestando contra a roubaileira de que fôr vítima, vendendo-lhe o bilheteiro do cinema do Loreto uma cadeira, quando o espetáculo já no final. Tacto ali estava o ladrão. E fez-o prender por um guarda de polícia, ia menor a caminho da esquerda, quando se lembrou o Pala de Bronze de o agredir selvaticamente, tão selvaticamente que o guarda captor protestou. Ora vejam que brutalidades se fez o Pala de Bronze...

Novaidade literária

CAVALGADA DO SONHO

E—TERRAS DE FOGO

—DE—

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. —Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

A VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO PÔVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-mauistianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$50

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 88

A mulher, segundo os textos cristãos é a fonte de todos os males

Vinhemos nós dizendo, com a autoridade e as razões que Deus e a sua igreja infalivelmente nos transmitem, que a mulher, na lei da graça e já depois de santificada e resgatada pelo sangue de Cristo, foi considerada sempre como um erro da criação. Tantos defeitos, na verdade, lhe apontaram e tanta malícia se quis vêr nos seus cinco sentidos, que quase se chegou a acusar Deus de a ter criado e dado ao homem como companheiro.

Considerando, porém, o antigo Texto, os divinos preceitos da Lei Velha, vemos que também aí a mulher é tratada com desdém, considerando-a, não a filha de Deus, mas o *vaso cheio de abominação e impureza*.

Assim o dizem Moisés e Salomão e Ezequiel e tutti quanti.

Non moecharberis, brada o Exodo. Non moecharberis, repete o Deuteronómio. Non moecharberis, insiste o grande legislador do povo hebreu, sempre que lembra o mandamento relativo à continência da carne.

Non moecharberis! Quer dizer: não se envolvam com mulheres, não fiquem com elas para trás, nem vão também muito na frente, onde ninguém vos veja. E porquê? Porque elas desviaram do caminho da vida, levam à tentação, encaminhando o homem para o pecado e para a morte.

Aprender a conhecê-las em 40 anos de convívio familiar e outros 40 de comando. Não podia, por isso, esquecer as aflições sem termo e os martírios sem conta a que deram causa no Egito e na travessia do deserto, por onde andou com elas, ensinando-as, corriginhas-as, aplacando-as e vigiando-as. E isto sempre, noite e dia, durante 40 longos, penosíssimos anos.

Porque foram elas, as judias, que lhe preparam essas amargas que ainda hoje ressoam pelas idades foras. Elas o magoaram, elas o torturaram, elas o levaram à morte no alto do monte Nebo. Pois quem, senão elas, primeiro se lembrou das tão fálicas cebolas do Egito? Cebola é um termo de homens como de animais. (Exodo, XIII, 2).

E para que não haja confusão, logo adianta repetir:

«Consagraro ao Senhor tudo o que tiveres do sexo masculino: Quid quid habueris masculinis sexus.

E como o povo hebreu era de cerviz dura, o mesmo Deus tornou a recomendar-lhe no Deuteronómio XXV-19 que não confunda: que lhe consague unicamente os machos.

E porque fazia isto o Criador? Porque as conhecia. Porque se lembrava ainda daquela tarde em que a mulher, a mulher que ele criara, esquecendo os sagrados preceitos, a divina palavra, fôr, pé ante pé, caprichosa e surrábia, sumindo-se entre as sarças e cunhais do Eden, combinar com o Diabo a entrada do pecado e da morte no mundo-a-perdição do homem!

Mas quem não conhece isto? só quem for surdo e cego.

Como esqueceram, pois, tanto depressa, que tais palavras santas, estes avisos salutares são palavras e avisos de Deus, e que se encontra lá, no grande Livro?

E não haver ninguém que se lembresse! Não haver, entre tantos, quem subisse ao altar e lêesse os textos e interpretasse o pensamento de Aquile que tudo vê e tudo sabe!

Exmo Cardenal: Se a seguir a daqueles que têm a especial missão de ver as loucuras humanas e corrigir os desvarios que delas nascem para o mundo é tão grande e tão completa, consiste que eu pregunto: O que valer da fé? O que valer da Igreja e das almas, que dentro dela se congregam?

Pergunto mais: O que valer de Deus?

Porque com elas e com elas, nessas frequentes e apertadas reuniões, por sacrifícios e salas do despacho, entre cônscitas e fiéis de Maria, o próprio Deus não pode estar seguro. Já o disse o Vieira e em venho de novo repeti-lo: Deus não está seguro. E vos prová-lo, Eminência.

Audi me!

Não é só Moisés, como acima já disse, que nos previne contra a malícia das mulheres.

Salmão, que as conhecia bem, não só por ter ouvido o pai, o Santo Rei-Profeta, mas ainda pelo demorado trato e longa experiência que delas lhe fizou, afirma nos Provérbios, em voz alta, para quem quere ouvir, que todo aquele que entra com elas em convívio e lhes der confiança, não torrará à vida, nem seguirá suas verdades. Como sei-pai, que levou a existência inteira a chorar e a pedir perdão a Deus, por lhes ter dito ouvidos, também ele as considera mal irreparável.

«Não te deixes ir atrás dos artifícios das mulheres. Porque os seus lábios são como o fogo que destila o mel e a sua garganta mais lustrosa que o azete; mas o seu fêmur é amargo como o absinto, talhante como a espada de dois gumes.»

A mulher é a perdição do homem.

«Os seus pés descem à morte e os seus passos penetram até os infernos. Alonga de lhe

MARCO POSTAL

Odeceixe — J. R. da Silva. — Recebe-mos vale de 19500. Pagou a assinatura até 15 de Agosto, p. n.
Campo de Besteiros — V. R. S. Teles. — Recebemos vale de 28\$50. Pagou a assinatura até 30 do corrente.
Mertola — Manuel dos Santos. — Recebemos 19500. Assinatura paga até 30 do corrente.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid, cheque	29\$8	
Paris, cheque	56\$5	
Suiça, "	378\$5	
Bruxelas cheque	54	
New-York, "	19560	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	71	
Brasil, "	3000	
Praga, "	58	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim,	467	

**TUDO AOS MONTES****ESPECTÁCULOS****TEATROS**

Nacional. — As 21-45 e quizes...
Olmundo. — As 21,30 — e a noite de 19500.
Eden. — As 21 e às 21. — Cabaz de morangos.
Mário Vitoria. — As 21 e às 22,45. — O Olaria.
Salão Yps. — As 21. — Varietades.
Variedades. — As 21 e 22,45. — O Pó de Arroz.
Cinema L. V. Vicente (A Graciosa) — Espectáculos as 3,4,
2,4 sábados e domingos com matinées.
Trenó Parque — Fitas as noites. Concertos : di-
versos.

CINEMAS

Tivoli — Central — Condes — Chiado Terrasse —

Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tor-
soice — Cine Paris.

Milhares de curas**SE DEVEM AO
HERPETOL**

Unicormédio eficaz para as doenças do PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que os pais conseguiram, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparição escamosa muito rala, forçando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensação aliviadora. No final de algumas horas um frasco só das manifestações haviam desaparecido.

E recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. da Praia, 257, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

MATA SEZÕES

Dão-se 100\$00 a quem provar que as PIULAS mata SEZÕES, para sezes, febres e maleitas não fazem efeito. Vendem-se em caixas de 6, 12 e 24, pelo correio, a 4500, 8300 e 13550 — 38, Rua João Afonso, 42 — SANTAREM.

JOÃO M. R. MARTINS

(Oficina registrada)

Vendem-se em todas as terras do país Grandes descontos aos revendedores Mais de 100.000 certificados dos bons resultados obtidos. — Remete-se pelo correio à cobrança

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

envolveu em ódio comum Luis XV e a sua corte, os rendeiros, os padres e os nobres.

Afinal, o moderno Sardanapalo chegou a receber no seu leito uma pobre criança de doze anos, filha dum moleiro, e que estava atacada de bexigas que transmitiu ao rei. Como o monarca tinha o sangue estragado pelo mesmo vergonhoso mal de que tinha morrido Francisco I, esta enfermidade tomou um carácter perigoso. Luis XV recebeu os sacramentos, e dignou-se declarar que «embora só a Deus tivesse de dar contas dos seus actos, se arrependia de alguns escândalos da sua vida». O rei morreu a 10 de Maio de 1774, com sessenta e quatro anos de idade. O seu cadáver foi conduzido a S. Dinis, coberto de vãas e imprecavações, como antes tinha sucedido ao de Luis XIV.

Luis XV subiu ao trono a 11 de Maio de 1774. A vida deste príncipe é um misto de faltas, erros, desgraças e crimes resultantes da fraqueza, indecisão, velhacaria e cobardia de carácter, produtos da educação monárquica. Luis XVI estava persuadido de que «um rei era duma essência superior ao resto da humanidade, que só nela residia toda a autoridade, que só ele tem o direito e o poder de melhorar a sorte dos seus povos, mas como e quando lhe aprouver, e nos limites que a sua soberania pertence fixar, nunca sofrendo que nenhuma os ultrapasse».

Na verdade, as qualidades deste príncipe foram, na sua maior parte, viciadas pela própria natureza da sua real condição, ficando porém intactas as suas virtudes pessoais. Contudo, a pesar-déle ser humano e ter muitas vezes generosas inspirações para o bem, praticava fatalmente o mal; cometendo atentados odiosos, fez correr o sangue do povo; quis dissolver a força a representação nacional; traiu a fé jurada, pactuou com os reis estrangeiros, para, com o auxílio dos seus exércitos, impor ao povo francês a manutenção de privilégios odiosos, contra os quais toda a nação se sublevava. Foi este um dos maiores crimes que Luis XVI expôs no cadalho.

Assim que subiu ao trono, e depois durante o seu

reinado, Luis XVI teve a fortuna de encontrar homens tão esclarecidos como integros e desejosos do bem público; assim também Malesherbes, homem de grande probidade, espírito recto, coração generoso, alma nobre e compassiva. Este ministro queria conservar a realeza encaminhando-a na senda das reformas, para satisfazer a opinião pública. Ele queria dar a todos os acusados o direito de defesa, aos protestantes a liberdade de consciência, aos escritores a liberdade de imprensa, a todos os franceses a segurança dos seus bens e das suas pessoas. Propôs o restabelecimento do édito de Nantes, a abolição da censura, das cartas de prego e da tortura. Chamou para junto de si Turgot, seu amigo, que igualava em sentimentos e que talvez o excedesse em vastidão de pensamentos; este, preocupado com a sorte das classes deserdadas, pediu a Luis XVI a supressão da vassalagem, a unidade provincial e a concorrência do clero e da nobreza para o pagamento dos impostos. Malesherbes e Turgot queriam dar a Luis XVI a honrosa iniciativa destas reformas. O próprio rei, quando não tinha o orgulho obsecrercer-lhe o natural bom senso, reconhecia a necessidade das medidas radicais propostas por Malesherbes e por Turgot.

Bastava a este príncipe querer o bem para o fazer, e para grangear o amor e a gratidão do país, e para retardar a queda da realeza por meio de concessões indispensáveis... mas um rei sempre é um rei. Luis XVI, habituado por tradição de raça a considerar o clero e a nobreza como o brilho e o sustentáculo do seu trono, cedeu aos clamores dos padres e dos cortezões, e foi suficientemente fraco e covarde para sacrificar Malesherbes e Turgot aos ressentimentos da corte, dizendo cheio de mágoa: E' penal Turgot e eu éramos os únicos que queríamos a felicidade do povo.

Isto é imperdoável, porque o príncipe tinha plena consciência dos seus erros; e quanto basta para pintar o homem, e explicar essas contradições que, de errôeo em errôeo, de perfídia em perfídia, de crime em crime,

ESTE SEGURO IMPÔE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, seguindo-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros
Sede — Rua Garrett, 95
LISBOA
IMPORTANTE:
Mediate um ligeiro sobre-premio, a MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

(A todos interessay)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, ALENTEJO, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.
Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 0,03 MAIS BARATO que o que os agentes levam e mais. FAÇAM os seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido à GRANDE FABRICA DE CARIMBOS, RUA DA ALMADA, 125, LISBOA, para sempre e letras esmaltadas para russa, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratas para Sports, clubes, medalhas para corridas (artigos de Barbas), Giletes, mas baratas. Estojo de metal branco com maquinha e lâminas de 1000000. Numa das maiores práticas de beleza, máquinas de 4 rolos para as afiar. Tasquinhas superiores a 1000 que outros vendem a 2000 e canetas de finta permanente com pena de ouro a 4.000, que os outros vendem pelo dobro, canivetes. CARIMBOS, numeradores a tintas, a raspadores, etc., e valem 1000000. Para cada que a picar, o número e nome da data, só em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para incrustar e roupa, etc., alicates de seilar, marcas a logó, etiquetas de metal para sardinhas, marcas de metal para jogos, caixas, etc., e as mais, e que os outros vendem a 1000000 com brasões e monogramas, canhos importados do Portugal, chapas e letras para marcar canetas e preços, lampadas e instalações eléctricas, laqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. A. L. Freire, Rua 164, R. do Ouro. — Telef. 2659. — Peçam à cobrança para tudo lhe se remeter.

PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escrítorio e Garagei Rua Almirante Barroso, 21

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO GARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina: coração e pulmões — Dr. Armando Narciso. Atenção: Dr. José Vitorino. Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas. Rins, rins urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas. Peito, sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 15 horas. Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas. Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas. Gengivite, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas. Endocrinologia e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas. Doenças das membranas — Dr. Emílio Paiva — 2 horas. Doenças das crianças — Dr. Filipe Manoel — 12 horas. Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas. Bactérias e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas. Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas. Raio X — Dr. Aleu Salgueiro — 4 horas. Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Chapelaria A SOCIRE

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mesmos em cores lindissimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda e flamão

PIULAS MATA SEZÕES

SÓ COM O LUCRO DE 10%, NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiares de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

Chapeu mole, novo modelo americano muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiares de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

Chapeu modelado Jules (Exclusivo)

PO RODRIGUES
O MAIS EFICAZ DESTROYER DE BARATAS, PULSES, FORMIGAS, PERCEVILHOS, ETC.
Fabricantes dos almofadas marca ORIVOTRA
19 A-R. das Gaivotas — C LISBOA
Telefone T 516

Únicos depositários em Portugal:
Salvador Barata, Limit. da
(Fabricantes dos almofadas marca ORIVOTRA)
19 A-R. das Gaivotas — C LISBOA

A venda em todas as drogarias, mercearias e lojas de ferragens

Agente nas ilhas: JOSE GOES FERREIRA FUNCHAL

MALETAS DE CABEDAL
em todas as qualidades e tamanhos, vendem-se a preços de fabricante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%, NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora...
Sapatos em verniz...
Botas pretas (grande salto)...
Botas brancas (salto)...
Grande salto de botas pretas...
Estofo de cor para homem...

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra boas botas.

A Social Operaria e marcas dos Cavaleiros, 18-20, com Pilai na mesmaria, n.º 45

Precio 1500, pelo correio, 1520; registrado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Precio 1500, pelo correio, 1520; registrado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

FERREÓL

Não prejudica a saúde. Caixa 15000.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Mestrugação

Aparece rapid

A BATALHA

LUTA DE CLASSES

Os fragateiros da União Fabril estão em greve em virtude de uma revoltante violência de um dos directores da companhia

O que nos disse sobre o conflito o presidente da Associação dos Fragateiros do Porto de Lisboa

Os fragateiros da Companhia União Fabril há dois dias que se encontram em conflito com o seu patrício. Por espirito de solidariedade para com aquela classe os estivadores e os descarregadores do Porto de Lisboa e de mar e terra também há dois dias que não prestam serviço ao rei dos sabões e dos adubos.

Sobre os motivos deste conflito os jornais têm espalhado as mais estúpidas versões. Ainda ontem o *Século* referia as contendas, lançando sobre alguns dos grevistas as mais torpes insinuações. Esse facto levou-nos a procurar saber, junto dos fragateiros as causas do conflito que amanhã pode assumir proporções muito maiores.

Quem falou em nome dos fragateiros foi o presidente da sua associação da classe, Carlos de Oliveira Faneca, que nos disse o seguinte:

— Na passada quarta feira por um motivo futil, filho do desentendimento, dois fragateiros e alguns calafates que fazem serviço por conta da União Fabril trocaram alguns socos num dos estaleiros daquela companhia situado no Barreiro. Um dos directores da fábrica, o sr. João Silva, sem curar de saber quem tinha sido o agente provocador dessa contenda e com verdadeiro espírito unilateral, despediu os dois fragateiros deixando ao serviço os calafates.

E prosseguiu:

— Os fragateiros julgaram arbitrária a medida e dirigiram-se ao sindicato que por sua vez realizou logo as necessárias demarcações para a admissão dos despedidos. Porém o sr. João Silva teimosamente não atendeu. Então dirigimo-nos à Secção Marítima de Lisboa da C. U. F. e com o sr. Melo e Silva, gerente daquela secção, tentámos a readmissão daqueles dois fragateiros, que há 8 anos trabalhavam na casa e nunca foram despedidos como dizia ontem o *Século*.

— E conseguiram-na?

— Já lhe expliquei. O sr. Melo e Silva apresentou ao sr. Silva, do Barreiro, uma plataforma de nossa autoria que consistia no seguinte: a C. U. F. admitiria os dois fragateiros e mandaria proceder às necessárias investigações a fim de se apurar o autor do conflito. De harmonia com essas investigações assim se procederia: ou iriam para a rua os fragateiros ou os calafates se fossem estes os culpados do sucedido.

— Essa plataforma não foi aceite?

— Não, senhor. O sr. Silva não a aceitou, permitindo-se contrapor-lhe esta: os calafates seriam despedidos e depois de apuradas as responsabilidades, por meio de inquérito, seriam admitidos os que não tivessem culpa alguma.

Com grande entusiasmo o nosso entrevistado prosseguiu:

— Por uma questão de dignidade e de princípios não aceitamos. Não lucrávamos nem moral nem materialmente com esta plataforma. Por isso não a aceitamos.

E depois:

— Daí o agravamento do conflito. Isto é: os tripulantes das outras 29 embarcações, por espirito de solidariedade, na passada sexta-feira, declararam-se em greve e nela se manterão enquanto não forem admitidos os seus colegas. Os estivadores, os descarregadores do porto de Lisboa e de mar e terra num gesto digno resolveram não trabalhar para a C. U. F. enquanto o conflito durar.

— De forma que a solidariedade para com os grevistas é absoluta?

— Infelizmente. O pessoal dos rebocadores da U. F. Síntra e São Cristóvão, destoa desse conjunto. Há dois dias que trabalha rebocando as fragatas tripuladas por "amarelos" ao serviço da Companhia. Alguns operários da U. F. também não têm sido muito dignos porque se prestaram ao papel de "amarelos".

A fechar a entrevista:

— Seja como for. Os grevistas não abandonam o seu posto, porque está nisso a sua própria situação.

Estava terminada a entrevista. Viemos então trazar estas linhas lamentando que ainda haja operários que se prestem a papéis como estes tripulantes dos rebocadores Síntra e São Cristóvão e o pessoal das fábricas. E, por quanto tempo ainda será assim?

O conflito do "Correio da Manhã"

Atingiu esta questão, no seu acme agónico, o ponto mais grave para nós, direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos. As sanções da lei, implacáveis e contundentes, vão cair sobre nós que temos a coragem de narrar factos que tocam a delicadeza epidérmica do nosso emboscado confraditor e lhe ferem o avariado pendor. Não nos intimidamos por isso. Conhecemos algo a lei da imprensa e desde já nos colocamos sob a alcada do Artigo 11º e seu parágrafo único. Mas não se suponha que deixaremos de dizer o que sentimos, de tratar com idéia de aduração, o egregio cidadão artístico que, numa faixa desatrelada, nada mais tem feito que prejudicar a classe dos Compositores Tipográficos.

Na impossibilidade de aduzir razões com que pudesse defender o seu bom ou mau ponto de vista, encetuou a sua satirizante e chocante prosa, gosmando arremedos quixotescos e insinuando cincas de jogral taracudo.

Convidámo-lo a falar claro, que expusesse com toda a decisão, que acusasse se tivesse com quem, que por nossa parte responderíamos e nos defenderíamos no mesmo campo.

Disse arrogantemente que se quizessem troco que batessemos ao ferro-lírio; aventou o desejo de querer desmascarar os meneus, que seriam obrigados a procurar outros ofícios; insinuou velhacamente, torpemente que entre nós há proveito próprio. E nós seranamente esperámos a confirmação dessas parvoices, ou melhor, dessas acusações, ainda duvidosos que o seu genial bestuento congecinasse alguma habilidade rocambo-

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

Colhido por um vagão

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado, dando em seguida entrada na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, onde foi operado pelos drs. Alberto Mac Bride e Guilherme Alvelos, António da Costa, de 18 anos, natural de Arganil, descarregador da C. P., residente no pátio da Cova, o Cais dos Soldados e que na estação de Santa Apolónia, foi colhido por um vagão, ficando com o pé esquerdo esmagado. Recolheu depois a enfermaria de S. Onofre.

Os organismos operários devem ocupar-se do problema da carestia da vida



POR ESTES DIAS EM FOLHETIM:

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que A Batalha vai publicar em folhetins da coleção "Mistérios do Povo", por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba coleção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular prenhe de aspirações de justiça mas se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romântizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuízo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata dumha época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes scenas desenroladas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e inférmos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.

CARTA DE COIMBRA

Os hospitais da Universidade vistos por dentro

COIMBRA, 10.—A campanha que vimos sustentando contra os hospitais da Universidade e as críticas feitas à inactividade dos corpos administrativos da Delegação do Pessoal, têm sido seguidas com interesse e simpatia pelo público, assim como têm encontrado eco no seio do pessoal dos hospitais, na sua grande parte discordante da orientação dada à Delegação.

O pessoal dos hospitais verificou já que à frente dos destinos da sua Delegação está uma espécie de mandões, composta por empregados chamados de categoria, ou seja uma caterva de chefes e sub-chefes e não sabemos quem mais categorias.

Estes cavalheiros, abusando da sua superepotência hierárquica, que um regulamento moral e defeitosos lhes confere, tomam, para com os seus colegas não categorizadas, atitudes verdadeiramente revoltantes, agravadas ainda por serem dentro do serviço.

Obrigam muitas das vezes os praticantes a fazerem serviços que competem aos serventes, sem que os prejudicados possam formular qualquer protesto, pois o contrário implicaria um castigo imediato.

Estas perseguições são feitas sempre contra os praticantes que não caiam nas boas graças dos senhores chefes.

E, no entanto, estes senhores não são estritos cumpridores dos seus deveres, pois são encontrados, com frequência, a passarem pela cidade durante as horas de serviço.

Dizem mal do director diante do pessoal para saberem a quem o director é ou não antipático e terem assim uma arma contra o pessoal.

Não é, porém, só esta agressão a que temos de nos referir, pois informam-nos que em meados do mês transacto o soldado dum patrulha daquele posto agrediu com duas bofetadas o trabalhador José Varella, do mesmo lugar, quando este se encontrava procedendo ao carregamento dum carro de várzea.

Essa agressão indignou toda a gente, pois que José Varella, além de se encontrar a trabalhar quando foi agredido, não deu motivo para justificar tal brutalidade.

Também no dia 29 de Agosto o mesmo guarda agrediu violentamente dois rapazes, os quais vieram entregar o infez à polícia desta cidadela.

Vai em comentários, para não lhe tirar o sabor.

Não é, porém, só esta agressão a que temos de nos referir, pois informam-nos que em meados do mês transacto o soldado dum patrulha daquele posto agrediu com duas bofetadas o trabalhador José Varella, do mesmo lugar, quando este se encontrava procedendo ao carregamento dum carro de várzea.

Sobre o caso a que o Despertar se refere, lemos que foi nomeada uma comissão, a qual, por via de regra, será capaz de concluir que não houve nada, ou então que foi o velho que deu com a tranca nos guardas...

Um senhor que atenta contra a saúde pública

Uma comissão de inquilinos da Vila Mendes, na Estrada de Lisboa, cujo senhor, como há tempo informámos, negando-se a fazer obras numa fossa punha em grave risco a saúde pública, procurou-nos para, por nosso intermédio, manifestar a A Batalha o seu reconhecimento pelo interesse com que acolheu e tratou da reclamação por aqueles inquilinos apresentada às autoridades sanitárias.

A referida comissão informou-nos de que ao proprietário da Vila Mendes, Joaquim Mendes Coimbra, por haver transgredido as ordens do sub-delegado de saúde, que o intimara a fazer, no prazo de nove dias, as obras indispensáveis na fossa onde desaguam os dejetos, fôra instaurado um processo que acaba de ser entregue ao pôrto judicial.

Continuaremos a accção dentro da Delegação já aqui nos temos referido.

A Delegação de Coimbra está transformada numa casa de agiotagem, pois que já por mais dum vez a direcção tem empregado a juro e伺ne a existente em cofre.

E' espantoso, mas é verdade, acrescida ainda por se terem desviado os dinheiros da colectividade sem conhecimento nem autorização dos sócios!

Há dois anos que não é apresentado o relatório de contas, estando os sócios sem saber qual o destino dado aos baveres colectivos.

Resulta daqui que muitos sócios desgostosos estão dispostos a não pagarem mais cotas, e outros que já deixaram de o fazer há muito tempo.

Não liovamos, nem apoiamos esta atitude, pois que o dever dos associados é interessarem-se pelos destinos da sua associação e reivindicarem os seus direitos de associados, pondo a gerir os trabalhos colectivos elementos da sua confiança e que dêem boas garantias de honestidade e de trabalho.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.

Depois dum pequeno interregno, os soldados daquela posta dão novamente que falar de si.

Continuaremos a ocuparmo-nos do assunto, pois que ainda há muito por dizer.

Já por mais dum vez que nos temos referido a certas proezas dos soldados da posta de G. N. R. em São João do Campo, provação nos subúrbios desta cidade, e que a pesar dos nossos energicos protestos, têm caído na indiferença de quem supreintende naquela corporação, do qual nada nos admira.